

ambiente



O ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite *Veslei Marcelino/Reuters*

Sob Joaquim Leite, política ambiental de Salles continua

Houve troca de 'embalagem' e novo ministro seria tentativa de 'remédio publicitário', dizem ambientalistas

Philippe Watanabe

SÃO PAULO Saiu Ricardo Salles, entrou Joaquim Leite, e quase nada mudou na governança ambiental, muito criticada, do governo Jair Bolsonaro (PL), dizem especialistas da área ambiental.

"A entrada do Joaquim é uma mudança de embalagem", resume Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, rede que congrega dezenas de instituições de pesquisa ambiental e da sociedade civil.

Na mesma linha, Natalie Unterstell, mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA) e coordenadora do Política por Inteiro, diz: "Tudo muda para tudo ficar como está", fazendo referência a uma frase do livro "O Leopardo", de Giuseppe Tomasi di Lampedusa.

O ponto central, dizem os especialistas, é que os ministros estão seguindo a política ambiental ditada por Bolsonaro. "O verdadeiro ministro do Meio Ambiente é o Bolsonaro", diz Astrini. "No ministério, um sinal de melhoria seria coroadado com demissão. Se você melhorar a gestão ambiental, você vai ser demitido."

Permanece, sob Leite, os baixos níveis de desmatamento e os altos índices de desmatamento. A fragilização do ministério e de órgãos como Ibama e ICMBio também permanecem, dizem os especialistas ouvidos.

Salles pediu para sair do governo no momento em que era alvo de inquérito no STF (Supremo Tribunal Federal) por uma operação da Polícia Federal que investigava suposto favorecimento a empresários do setor de madeiras a partir de modificação de regras com o objetivo de regularizar cargas apreendidas no exterior.

O ex-ministro também era alvo de um inquérito que investiga sua atuação na apuração da maior apreensão de madeira do Brasil. Salles se colocava ao lado dos madeireiros.

Segundo Astrini, a saída de Salles não teve nada a ver com um possível fracasso desempenho ambiental. "O desempenho estava a contento do Bolsonaro. Se a PF não tivesse feito a denúncia no Supremo, ele seria o ministro até hoje."

Leite é próximo a Salles e, mesmo logo após a troca de ministros, apostava-se que a mudança não traria alterações de fato.

"A grande questão é do ponto de vista de orientação, de política, não houve

nenhuma mudança. O ministério continua estando muito aquém das necessidades de um Ministério do Meio Ambiente do Brasil, um ministério tacarinho, com pouco protagonismo e com pouquíssimo conhecimento técnico, apesar do corpo técnico experiente", diz Adriana Ramos, assessora política e de direito socioambiental do ISA (Instituto Socioambiental). "O ministro não parece usufruir desse conhecimento."

Segundo os especialistas ouvidos, fica clara a continuidade do modelo de gestão ambiental ao se ver que as medidas postas em prática por Salles continuam em vigor. Uma das principais é a paralisação do Fundo Amazô-

nia, no qual há bilhões de reais que poderiam ser usados para programas de preservação ambiental no bioma.

Para reativá-lo, bastaria que o novo ministro reconstituísse os conselhos paralisados por Salles. O ex-ministro interrompeu as atividades do fundo por, segundo ele, terem sido detectados problemas nos contratos do fundo com projetos. Alguns meses depois, Salles já falava que as negociações para retomada do fundo estavam paralisadas porque havia o desejo brasileiro de que o governo federal tivesse prevalência no processo de decisão sobre a destinação do dinheiro.

Ao mesmo tempo, Noruega e Alemanha se mostravam surpresas com a situação e afirmavam que estavam satisfeitas com o funcionamento do fundo, que passava por auditorias internacionais.

Apesar da semelhança administrativa, há uma visível diferença entre eles. Salles tinha uma postura combativa, mais ousada e irônica, tanto em entrevistas quanto em redes sociais. Já Leite é mais discreto e pouco se expõe nas redes sociais. Unterstell avalia que a entrada de Leite pode ter sido uma tentativa de aliviar a imagem ambiental do país.

"Eles achavam que o Joaquim Leite era um remédio

publicitário e que, com um discurso menos agressivo, diminuiriam as críticas ao Brasil", afirma a coordenadora do Política por Inteiro. "Eles fracassaram com essa estratégia."

O Brasil continua sendo visto com preocupação, devido aos elevados níveis de desmatamento na Amazônia, pelo mercado externo.

"Um era mais histriônico e mais político, com uma presença pública mais proativa. E o outro com uma presença pública praticamente inexistente", afirma Ramos.

Na COP26, Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas, no Reino Unido, a passagem de Leite foi páliada, diz Unterstell. Inclusive, o Brasil foi para a COP quando os dados de desmatamento na Amazônia já tinham sido computados pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), mas não foram tornados públicos.

Se a mudança de ministro não trouxe alterações, as mudanças na liderança do Legislativo trouxeram, diz Suely Araújo, especialista sênior em políticas públicas do Observatório do Clima e ex-presidente do Ibama.

Segundo Araújo, as "boiadas" não andavam nos primeiros anos de governo, pela falta de base governamental no Legislativo, o que muda com a aliança com o centrão. "O Arthur Lira deixou de promover deliberações, que envolve debate, e ele só promove votações com textos que aparecem do nada."

A especialista cita como exemplo o PL (projeto de lei) 6299/2022, que foi incluído para votação em regime de urgência. O projeto, que muda regras relacionadas a agrotóxicos, foi barrado.

Segundo Araújo, que acompanha o Legislativo há mais de duas décadas, há uma forte postura antiambiental, principalmente na Câmara, "chancelada pelo presidente da Câmara e pelas lideranças que o apoiam, a maioria governamental".

A especialista do Observatório do Clima diz que 2022 tende a ser um ano com aima mais judicialização de temas ambientais, algo que já ocorreu em 2021, inclusive com uma decisão do STF em dezembro, que restaurou a proteção a mangues e restingas, que tinha sido alterada por uma decisão do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) em 2020, que, naquele momento, era presidido por Salles.

Folha procurou o Ministério do Meio Ambiente, mas não houve resposta.

Procurado pela Folha, a assessora de Arthur Lira disse que "refuta qualquer tentativa de colar no presidente a pecha de antiambientalista".

O que podem essas línguas

Complexidade de idiomas indígenas do país mostra que não há língua 'primitiva'

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Fiquei sabendo da existência do dual nos primeiros anos de graduação, quando comecei a estudar grego e élfico mais ou menos ao mesmo tempo. (É, eu sei o que deve estar passando pela sua cabeça, gentil leitor: como é que esta Folha foi aceitar em seus quadros um sujeito que resolve estudar grego e élfico ao mesmo tempo?)

Mas voltemos ao dual. A palavra rima com "plural", e não é por acaso. Quem fala português se acostumou a pensar que só existe singular e plural, "a menina" ou "as meninas", e acabou-se. Mas outras línguas — tanto reais, como o grego clássico, quanto imaginárias, a exemplo dos idiomas élficos inventados por J.R.R. Tolkien — têm formas específicas para designar *uma* ou *muitas*, mas duas coisas, em geral, que parecem formar pares naturalmente ou por costume. Atenienses da época de Platão (e elfos) se referem a "minhas mãos" ou "minhas sandálias" usando o dual, não o plural.

Meus primeiros contatos com essa possibilidade inaudita enviesaram minha perspectiva, porém. Fiquei pensando que o dual era privilégio das línguas ditas clássicas, aquelas que, como o idioma helênico, pertencem ao passado da "alta cultura ocidental" (seja lá o que isso seja).

O truími, porém, flechou esse meu preconceito no coração. Trata-se de uma língua isolada, ou seja, sem parentesco com nenhum outro idioma conhecido hoje. Seus falantes nativos vivem em Mato Grosso, no Território Indígena do Xingu. Em truími, quando alguém usa a marca do dual — um singular "a" — junto com um nome pessoal, a mágica gramatical acontece: "Yakaikiri a" significa a mulher chamada Yakaikiri e seu "par natural", ou seja, seu marido.

Finezas como essa podem ser encontradas por toda parte nas mais de 150 línguas indígenas que ainda são faladas em solo brasileiro. A diversidade linguística nativa é muito superior a que esse número bruto dá a entender, porque estamos falando de diversas famílias linguísticas diferentes convivendo por aqui, tão distantes entre si quanto o árabe difere do russo ou o chinês se distancia dos idiomas africanos.

Apesar das grandes variações em vocabulário e sonoridade, é bonito ver como alguns padrões são mais comuns. Um deles é a serialização verbal — a capacidade de criar um "superverbo" no qual poucas sílabas descrevem uma cena completa, uma história em quadros mentais. Na língua hup, falada no Alto Rio Negro (fronteira com a Colômbia), um verbo serializado como "tyi-his'ap-b'y'd'ah-ye" — seis sílabas, pelas minhas contas — equivale ao seguinte: "Ele empurrou [a porta, subentendido] que a quebrou, jogou-a de lado e entrou".

Outra preocupação interessantíssima em diversos idiomas tem a ver com a perspectiva de a qualidade das "evidências" (para usar um termo científico) por parte de quem fala. Em sanóma, uma das línguas faladas pelos ianomâmbas, as afirmações são acompanhadas dos chamados evidenciais: "ki" se o próprio falante testemunhou o que está dizendo, "tha" se não o viu pessoalmente e "noa" se está fazendo uma inferência lógica (como alguém que diz "Você andou tomando sol" ao ver um conhecido com a pele queimada).

Bu não seria capaz de imaginar sozinho esse tipo de propriedade gramatical nem que passasse o resto da vida pensando. O fato de elas existirem é um testemunho poderoso de maneiras diferentes de conceber a realidade — e uma prova de que não existem línguas ou culturas "primitivas".

PS — Os exemplos das línguas indígenas brasileiras que citei vêm do livro "Índio Não Fala Só Tupi" (editora 7Letras), organizado por Bruna Franchetto e Kristina Balykova. A obra é um pequeno tesouro que merece ser mais conhecido e lido.

| DOM, Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | [Qua. Atila Iamarino](#), Esper Kallás

ESTA BMW PODE SER SUA

SMERWIN-WILLIAMS VOCE GANHA UM GUPOM para concorrer a uma Moto BMW.

A cada R\$ 200 em compras de produtos.

De R\$ 79,90 **Por R\$ 69,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 109,90**

ESMALTE BRILHANTE

3,6 Litros

Branco

Cod: 4180

De R\$ 79,90 **Por R\$ 118,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 118,90**

TORNEIRA BLACK

Curv - Temporizada

Cod: 1187

De R\$ 79,90 **Por R\$ 86,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 118,90**

ESMALTE BRILHANTE

3,6 Litros

Branco

Cod: 4180

De R\$ 79,90 **Por R\$ 118,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 118,90**

SIFÃO TANQUE

TS20 Quil

1,1 x 1,1 x 1,2

Cod: 511630

De R\$ 79,90 **Por R\$ 69,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 109,90**

REVESTIMENTO 33100

Identificado - 33 X 57

1,1 x 1,1 x 1,2

Cod: 504780

De R\$ 79,90 **Por R\$ 28,90/m²**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 28,90/m²**

BELLA DUCHA

4 Temperaturas

220V/6500W - Branco

Cod: 1889

De R\$ 79,90 **Por R\$ 59,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 118,90**

REJUNTE PORCELANATO

Fig - Cimento

Cod: 8168

De R\$ 79,90 **Por R\$ 12,90**

De R\$ 119,90 **Por R\$ 12,90**

VISA

MasterCard

PIX

***** SAC *****

(11) 5033-2021

VISITE NOSSO SITE:

www.nicom.com.br

R. Atica, 47 - Brooklin - SP/SP

Tels.: (11) 5033-2000 98200-1400

HORARIO DE FUNCIONAMENTO:

De Segunda a Sexta-feira, das 8h30 às 21h30; Sábado, das 7h às 21h; Domingo e Feriado, das 8h às 20h.

AMPLI O ESTABELECIDO

200 VAGAS